

Erotismo*

Este debate, entre autores e leitores da *ide* 41 – que versou sobre o erotismo –, foi pensado com o intuito de se constituir numa oportunidade de retomar e aprofundar as idéias já publicadas.

ide: Gostaríamos de agradecer a presença de vocês, autores e leitores. A idéia do nosso debate é uma dinâmica bem à vontade, em que possamos conversar livremente. Contamos especialmente com a presença do Massimo Canevacci, antropólogo italiano, que pode iniciar o debate colocando suas idéias.

Massimo Canevacci: A relação entre antropologia e psicanálise foi muito significativa, principalmente no início de ambas. Na transição entre os dois séculos passados, 1800 e 1900, ocorreram muitas discussões, nas quais essas disciplinas se desafiaram reciprocamente. Vamos pensar sobre esse tipo de cruzamento. A pesquisa antropológica tem a particular condição de ser uma pesquisa de campo – etnografia –, especialmente voltada para a compreensão da linguagem, por ser esta um veículo fundamental não só de uma cultura, como de cada pessoa. Na psicanálise é diferente; em geral ela tem lugar no *studio*, onde a análise produz um desafio sobre o conhecimento do psicanalista, que pretende não somente elaborar uma teoria, como também resolver conflitos, penso eu. Essa é uma diferença com o antropólogo, que, no seu “estatuto disciplinar”, não tem que resolver problemas.

As idéias de Bronislaw Malinowski, contidas em seu livro *Um diário no sentido estrito do termo*, conhecido simplesmente como *Diário*, podem propiciar-nos uma discussão interessante com Freud. Malinowski defende que o antropólogo tem que escrever um diário porque ele é parte da sua pesquisa. Mas Malinowski escrevia dois tipos de diário. Um era o diário oficial, no qual ele descrevia sua experiência no campo. O outro era o diário com o registro da sua subjetividade, do seu desejo, do seu racismo, do seu erotismo, da sua relação com a sua identidade, com a mãe, a relação entre a mãe e Deus – o Deus católico é fortíssimo em Malinowski. Porém, o mais completo diário de Malinowski

só foi publicado postumamente, em 1967, contra o desejo dele, graças a Valetta Malinowska, sua segunda mulher, o que salvou a antropologia. No final desse diário ele diz que não dá para manter a unicidade do eu quando se adentra o contexto das relações inter e intrapessoais, das punições, dos desejos etc.: ser idêntico nos contextos diferentes é uma regra psicocultural que não funciona. Ou, pode funcionar só se censurarmos ou removermos os problemas.

Desta forma, após 1967, iniciou-se uma nova auto-crítica, um processo de revisão radical do estatuto epistemológico da antropologia, no sentido de se realçar a dimensão da subjetividade, mesmo em seu lado mais obscuro. Malinowski foi leitor de *Coração das trevas*, de Joseph Conrad. A relação entre a idéia de subjetividade trazida por Conrad, por meio do personagem Marlow, e aquela apresentada por Malinowski é um instrumento valioso de elaboração de uma pesquisa que liga literatura, colonialismo e subjetividade. Não se trata de casualidade que a transformação radical de parte da antropologia contemporânea tenha se iniciado com a obra subjetiva de Malinowski, sobre identidade, erotismo e sexualidade. Ele tinha muito desejo “sujo”, alguns já publicados nesse diário, e outros ainda censurados de publicação. Esse questionamento sobre a presença da subjetividade do antropólogo ao efetuar uma pesquisa significou uma extinção do olhar distante de Lévi-Strauss e do deserto do estruturalismo.

Depois de Malinowski, o que destruiu a relação entre a antropologia e a psicanálise foi a emergência do estruturalismo de Lévi-Strauss, cuja concepção de entrelaçamento entre psicanálise, antropologia e marxismo destruiu a possibilidade de se renovar a relação entre antropologia e psicanálise, porque era mais significativo para ele “descobrir” regras universais, estruturas escondidas, oposições binárias.

Vincente Crapanzano, antropólogo estadunidense, iniciou uma pesquisa desafiadora no Marrocos, publicada no livro *Tuhami*. Nela, ele realiza uma relação dialógica, interpessoal, e profundamente ligada à dimensão “inconsciente”, em que o antropólogo estuda o outro, e vice-versa. Essa relação dialógica, na pesquisa de campo, procura a emergência de uma intersubjetividade, a do antropólogo e

de seu objeto de pesquisa, que provoca um relato e uma escritura que não são neutros nem objetivantes – não buscam leis universais, tipologias, soluções para as mitologias, visões generalistas etc. O desafio está voltado tanto para a pesquisa no campo como para a forma da escritura, ou melhor, para a forma da representação.

Dias atrás participei de um funeral bororo, no Mato Grosso, e, ao tentar escrever sobre essa experiência, não pude escrever de uma forma única, monológica. Eu tenho que representar a complexidade da situação. Eu estudei por muitos anos o funeral bororo por meio de livros, filmes e cantos, mas nunca imaginei que fosse algo tão complexo. Participar de um funeral em que um homem empunha o crânio emplumado da sua mulher, que ele mesmo lavou, emplumou, e durante o qual ele mesmo canta e dança é algo totalmente diferente do que imaginar o funeral, a morte, a vida; é um desafio para a nossa capacidade interna, bem como para a relação profunda entre erotismo e morte, o que se coloca numa dimensão muito diversa da visão tradicional. Não podemos somente escrever sobre o funeral bororo. É importante que possamos estabelecer uma ligação entre a dimensão palpitante da subjetividade do etnógrafo com uma dimensão visual porque, para mim, é fundamental ver o que aconteceu, ter a descrição de uma visão. O que me provocou enorme perturbação foi a musicalidade complexa, não apenas vocal, como também instrumental do maracá, que pode ser usado de múltiplas maneiras – e isso eu nunca poderia imaginar. São sete ou oito maneiras de utilizar a mão, o pulso, os dedos, o corpo inteiro e a relação com o outro, com diferenças fundamentais sobre a música, e também sobre a relação entre música, canção, corpo e o que está acontecendo, num espaço onde não está apenas um espectador. Não é um ritual com uma relação dicotômica, característica da religião católica ou protestante, em que, no ritual da morte, temos o vivo diante do morto. É algo muito mais complexo. O tipo de som do maracá é de uma complexidade enorme e, para interpretá-lo, é necessária a dimensão da etnomusicologia. O som é fortemente ligado ao corpo-mente, ao ritual e ao cosmo. É impossível uma escritura do funeral, e de quaisquer outras vivências, sem que se comente a dimensão musical. A gente chama de música, mas não é música, porque ali temos um canto, um choro, uma dança bororo. É, ao mesmo tempo, som, ruído e, às vezes, um silêncio muito significativo.

A antropologia atualmente tem o desafio de operar o trânsito de uma fase na qual a interpretação do antropólogo era fundamental, para outra em que a dimensão da auto-representação constitui a interpretação antropológica. A auto-representação do funeral bororo só pode ser feita a partir da interpretação que o bororo produz, e essa auto-representação estabelece uma tensão, um conflito com o antropólogo, isto é, com a heterorrepresentação. Na antropologia contemporânea, conflito, tensão, contradição, aporia entre auto e heterorrepresentação são os grandes desafios.

Será que o mesmo desafio está se colocando na relação psicanalítica? A teoria histórica na qual a única voz que interpreta é a do antropólogo, ou a do psicanalista, ou a do jornalista, ou a do sociólogo, não funciona mais. A relação intersubjetiva dialógica é híbrida, sem síntese, estabelecendo uma multiplicidade de representações. Não se pode mais fazer pesquisa sem a auto-representação – momento no qual duas subjetividades se colocam nas suas próprias diferenças. Uma das questões fundamentais da antropologia contemporânea é que as subjetividades, as culturas, são diferentes. Então, interpretar essas diferenças é um desafio. Eu não consigo interpretar uma diferença sem que o outro interprete a minha diferença. Essa é a dialógica da reciprocidade.

Mariza Martins Furquim Werneck: Sou antropóloga e escrevi o artigo “Erotismo e melancolia nas *Mil e uma noites*”. Ousaria comentar que, da mesma forma que Malinowski manteve dois diários, e o segundo foi descoberto só mais tarde, graças à viúva dele, a obra de Lévi-Strauss também tem duas, ou várias, dimensões. Uma delas foi muito encoberta pela militância estruturalista e por um certo estrago causado pela forma como o estruturalismo foi interpretado. No meu doutorado eu fiz uma análise dos mitos em Lévi-Strauss e percebi uma dimensão muito interessante, que não é a mais racionalista, a mais cartesiana, que se costuma atribuir a ele, e sim a da tradição do delírio, percorrida por ele ao longo de vários textos. Refere-se ao Rousseau mais delirante – o das *Confissões*, o do *Caminhante solitário* –, indo depois para o simbolismo francês – de Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé –, até chegar no surrealismo. Na trajetória do meu trabalho de doutorado, eu evoquei esse Lévi-Strauss delirante, que tem com o mito o que ele chama de “experiência íntima”. Percebi também – o que me surpreendeu muito – uma aproximação metodológica entre a análise dos mitos de Lévi-Strauss e aquela de Freud na interpretação dos sonhos. Naquela aparecem até as mesmas categorias freudianas como o deslocamento e a condensação, embora com outras nomeações. Tenho uma discordância, de fundo, em relação ao que o Canevacci colocou.

Eliane Robert Moraes: Eu assinei o artigo “Essa sacanagem” e gostaria de levantar uma questão, bem provocadora, dirigida ao Canevacci e que tem muito a ver com sexualidade. Quando você critica o antropólogo que afirma dar voz ao seu objeto de estudo, eu acho que existe aí uma crítica à “posição de objeto”, que é muito comum hoje. No fundo, parece que atualmente há um grande medo dessa posição. Pergunto-me sobre a razão de tanto medo de ocupar a posição de objeto, porque ela também pode ser produtiva, pois “ser objeto” nem sempre tem uma conotação negativa. Vou me permitir pensar que – embora com receio por estar entre tantos psicanalistas, e, como não sou psicanalista, a minha posição na psicanálise sempre foi mais de objeto –, do ponto de vista erótico, ser objeto pode ser muito interessante. O

* Edição: Ana Maria Brias Silveira, Camila P. Sampaio e Jassanan Amoroso D. Pastore. Debate realizado na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, 27 de agosto de 2005.

feminismo, por exemplo, criticou muito a posição da mulher-objeto, mas, se pensarmos fora do plano da desigualdade, ser objeto pode ser produtivo e até extremamente prazeroso. Eu gostaria de ouvir o Canevacci sobre isso.

M. Canevacci: Gostaria de esclarecer a diferença entre objeto, objetivação e reificação. A relação sujeito e objeto, na pesquisa tradicional, é um problema, pois o objeto é sem voz – a única voz presente no texto é a voz do antropólogo. É importante que o objeto possa ter voz. No texto antropológico do Lévi-Strauss não aparece a voz do informante ou da cultura nativa em estudo, não se encontra o momento no qual um bororo fala. Nele, o bororo nunca fala; o mito interpretado pelo Lévi-Strauss não é o mito expresso em primeira pessoa por um bororo – é o mito bororo que Colbacchini e Albisetti interpretaram e sobre o qual escreveram. Trata-se de um enorme problema, já que sabemos que, se não podemos erotizar demais o objeto, tampouco podemos colocá-lo estritamente como objeto passivo, no seu sentido mais clássico. É uma pessoa que está à nossa frente, à qual precisa ser dado o direito de voz, sem submetê-la totalmente à única forma de escritura de autoridade que se pensa ser a do antropólogo, evitando-se, dessa maneira, que o objeto se inverta numa objetivação ou numa reificação. Na antropologia tradicional, e com Lévi-Strauss particularmente, encontramos a reificação do objeto de estudo.

Um dos pontos centrais da minha pesquisa contemporânea é o estudo das mudanças no conceito de fetichismo visual – forma de comunicação de muitos erotismos que se invertem, na contemporaneidade. No meu entendimento, não dá mais para interpretar a mudança do fetichismo visual contemporâneo com o instrumental freudiano.

Manuel da Costa Pinto: O que está sendo debatido sobre a relação com o objeto, sobre o pudor de se apropriar do objeto, e sobre a consciência de que o saber produz o objeto e o constitui, encerrando-o numa determinada identidade, tem a ver com o livro *Conhecimento proibido* – sobre o qual eu escrevi no meu artigo –, que coloca o problema do conhecimento e dos seus limites. Até que ponto é legítimo se apropriar de um objeto? O texto do Canevacci aponta para um olhar que tem uma eróptica. A eróptica do olhar é uma transformação do modo de contemplar o objeto. Já não é mais aquela metafísica do olhar que preserva aristocraticamente o objeto à distância dos sentidos – é uma outra forma de apropriação.

O filósofo italiano Mário Perniola publicou o livro *Sex appeal do inorgânico*, em que ele fala exatamente sobre a restituição de um erotismo na relação com o objeto (inorgânico) que não é baseado em uma projeção apenas, mas em que existiria uma relação de uma espécie de intersubjetividade. Percebe-se nitidamente que é impossível uma verificação empírica desse fenômeno, porém, se a psicanálise já tem um grau de verificabilidade, que pode até ser ab-

solutamente impensável para Karl Popper – mas mesmo assim ela o tem –, o que dizer de um trabalho como o do Perniola que fala desse *sex appeal* do inorgânico? Hoje em dia não existe empirismo puro e o objeto nunca é completamente neutro. A discussão sobre como se apropriar do objeto traz a idéia de que o objeto jamais está silenciado. Ainda que haja esse problema no estruturalismo, como levantou o Canevacci, acho que nenhum antropólogo estruturalista ou lévi-straussiano terá essa preocupação de dar voz ao objeto porque o objeto não está mais sendo apropriado pela metafísica do olhar que o afasta, e sim, talvez, pela eróptica do olhar.

Contador Borges: O Ítalo Calvino aponta um caminho semelhante a ser seguido pela literatura. Ouvir os objetos, ouvir o que eles têm a nos dizer, ou seja, desenvolver uma sensibilidade que capte essa relação com os objetos. E daí, talvez, possamos medir o efeito dessa escuta nas subjetividades e nos entrelaçamentos, nas intersubjetividades, como uma das tônicas da contemporaneidade.

Luciana E. Saddi: Quero apontar duas questões. A primeira é que a maldição sobre o conhecimento é a mesma que se coloca sobre o erotismo. Quem tem o saber tanto do erotismo como do conhecimento sofre uma maldição, ou pelo menos assim funciona o mito desse tipo de maldição. A segunda é sobre a questão do objeto. Na minha resenha eu trabalhei com personagens – meninas que dormem, que estão narcotizadas, tanto a do livro *Memórias de mis putas tristes*, do Gabriel García Márquez, como as da *Casa das belas adormecidas*, do Kawabata. Elas são objetos no seu extremo – mais do que isso, só o objeto morto – e produzem uma forte dose de erotismo. O fascínio que a menina virgem narcotizada produz sobre o homem velho é muito grande.

ide: O Contador, em seu texto, refere-se ao êxtase como objeto, de acordo com Bataille.

C. Borges: O jovem Fou-Tchou-Li é considerado culpado pelo assassinato de um príncipe, na China imperial, em 1905, e submetido a um terrível esquartejamento, chamado suplício dos cem pedaços, em que o supliciado é submetido a injeções de ópio, não para mitigar suas dores, mas para prolongar sua agonia. Dois franceses assistem à execução e a documentam. Adrien Borel, psicanalista de Georges Bataille, o presenteou com os negativos desse registro fotográfico, o que provocou um impacto muito grande em Bataille, que afirmou ter literalmente chegado ao êxtase diante das fotos. Bataille constata que o supliciado nelas revela que o suplício o transportava, e a imagem que se tinha era de êxtase. Portanto, o êxtase se coloca aqui como objeto. Há uma plasticidade nos estados de êxtase que fascina e que irá fascinar Bataille por toda sua vida. Esse é um dos tópicos mais marcantes da produtividade do pensamento de Ba-

taille. É uma estética do êxtase, do arrebatamento da morte, uma das vias do excesso. Em suma; como exprimir o inexprimível, o impossível? A imagem extática do supliciado chinês parece responder a isso.

ide: E o Canelas fez uma ligação...

José Martins Canelas Neto: A partir da leitura de alguns artigos, eu tentei fazer uma ligação com o ponto de vista do analista. O Canevacci falou da dualidade na relação, e Bataille me faz pensar na questão do fusional e da dualidade do vínculo com a mãe, em que a fascinação e a relação com sensações parciais fazem com que o objeto exploda, num certo sentido, em múltiplos objetos. A história de vida do Bataille e a da relação com seu analista dão-nos fundamento para pensarmos que sua análise possibilita que ele saia da relação dual, principalmente a partir do momento em que é presenteado pelo seu analista com as fotos do suplício. É esse momento que abre a possibilidade de Bataille sair do espaço totalmente dual da fascinação – espaço em que o objeto é um objeto explodido, constituído por partes e muito ligado a sensações, o que nós chamamos de objeto alucinatório. Então ele se transporta de uma existência que poderia levá-lo a um destino muito triste para outra, em que ele começa a produzir e a escrever. Seus primeiros escritos têm a ver com esse encontro.

Eu desconfio da dualidade do objeto, da relação dual, em que tudo é intersubjetividade. Onde fica a questão do conhecimento e da teoria? É preciso ter um terceiro em algum lugar.

Mônica G. T. do Amaral: O meu artigo, ao falar do pudor, está na contramão dos tempos atuais. Discuto sobre a constituição do espaço de pudor na puberdade e sua importância como condição de construção do espaço psíquico, e de como esse espaço se encontra ameaçado pela realidade efetiva das relações, além de refletir acerca de suas conseqüências para a prática psicanalítica. Trabalho com a idéia de que a intimidade, quando desvelada sem freios – ficando como que escancarada –, deixa de se constituir como espaço de reflexão no interior da análise, também de adultos. Alguns autores, como G. Lipovetsky, em *A era do vazio*, e Z. Bauman, em *O mal-estar da pós-modernidade*, afirmam que o espaço do segredo e da intimidade “caiu em cotação”, deixando de participar das relações intersubjetivas e, eu diria, da própria constituição da subjetividade. Minha pergunta é: quais são as incidências e as conseqüências dessas tendências da cultura para a psicanálise? Para responder a essa questão, tento alinhar uma reflexão metapsicológica, levando em consideração as tendências atuais de constituição da subjetividade.

ide: O artigo da Eliane R. Moraes, apesar de se chamar “Essa sacanagem”, fala do pudor...

E. R. Moraes: Eu vou invocar aqui o nosso autor Bataille, que diz que não podemos pensar a transgressão sem pensar o plano do proibido. Há um jogo de toda transgressão que se refere ao proibido. Então, segundo Bataille, pensar o pudor não é estar na contramão, porque só temos o erotismo se houver pudor, ou podemos até dizer que o pudor é produtor do erotismo. Eu coloco em dúvida, e parece que o artigo da Mônica também, a idéia de que hoje é tudo escancarado e de que o segredo não existe mais. Ele pode não existir dentro de uma determinada chave, mas com certeza está em alguma outra que ainda não está sendo vista.

A cultura brasileira, muito manifestamente, gosta de se representar na esfera erótica, e se reconhece nessa imagem, como na frase “Não existe pecado ao sul do equador”. Essa frase é exemplar tanto por ter sido formulada por um viajante como pelo fato de o Sérgio Buarque de Holanda tê-la colocado em seu livro, ou ainda pelo Chico Buarque de Holanda, em seu exílio na Itália, ter realizado uma pesquisa sobre ela, que acabou virando um samba formidável, com enorme sucesso, que foi regravado muitas vezes. Ou seja, não se trata apenas de uma frase que alguém formulou sobre o brasileiro; é também uma frase na qual o brasileiro gosta de se reconhecer.

Em uma pesquisa recente sobre o erotismo na literatura brasileira, encontrei o Mário de Andrade nessa mesma chave, ao dizer que “brasileiro quando está junto, está falando porcaria”, referindo-se à safadeza. Porém, ele mesmo, que escreveu uma passagem bem erotizada na *Macunaíma*, vai suprimi-la na segunda edição. E, embora Mário de Andrade e seus intérpretes apresentem várias justificativas, podemos ler tal supressão como uma dificuldade de colocar “aquilo” por escrito, de brincar com “aquilo” como registro escrito. “Aquilo” é aquilo mesmo, é a coisa que pode ser falada nos pequenos circuitos, nos bares, mas no momento de ser registrado em um texto aparecem dificuldades – surge o pudor. Há esse jogo que varia de cultura para cultura, e a nossa cultura tem a característica particular de erotismo que vale a pena ser estudada.

M. G. T. do Amaral: Alguns filósofos enfatizam que o segredo tem sido cada vez mais olhado com desconfiança. Eu inicio meu artigo com um trecho da obra de Saramago, *Ensaio sobre a lucidez*, para mostrar que, se as pessoas votam em branco, deixando, portanto, de declarar suas intenções, já são colocadas sob suspeita. Parece que tudo aquilo que diz respeito à preservação do pensamento e da intimidade está à espreita do olhar alheio. Ocorre que, se esse olhar de suspeição se estende para a vida de relações, põe em risco, de alguma maneira, o próprio erotismo, uma vez que, como a Eliane afirmou, não se pode esquecer que o pudor é o seu guardião. A autora José Morel Cinq Mars, em seu livro *Quand la pudeur prend corps*, sustenta que a melhor metáfora para se pensar o pudor é a do véu, em vez de a do dique, conforme sugere Freud nos *Três ensaios sobre a se-*

xualidade. Vêu que desvela e, ao mesmo tempo, que preserva a intimidade do sujeito do olhar do outro, mas que pode ser sentido pelo sujeito, em particular o adolescente, como invasivo. Daí a importância da descrição das relações de proximidade que o adulto possa manter com as manifestações da sexualidade/pudor do adolescente e da criança.

ide: A Mariza coloca, em seu artigo, que a mulher árabe é extremamente reprimida, mas no que diz respeito ao erotismo ela tem uma posição mais de sujeito do que de objeto.

M. M. F. Werneck: A palavra “serralho”, em árabe, está ligada a segredo. Existiu um imaginário ligado ao harém, até o século XVIII, construído pelas descrições feitas por homens, até que apareceu uma mulher, lady Mary Montagu, esposa de um embaixador, que teve acesso à intimidade das mulheres no harém. Ela nega a concepção árabe tradicional da mulher, feita pelo Ocidente, e traz, sob a forma de cartas, idéias interessantíssimas, como a de que nunca tinha visto mulher mais livre do que a mulher árabe, justamente pela idéia do véu, que permite a manutenção do segredo, e representa a possibilidade de levar o harém para fora, dizendo inclusive que até mesmo o próprio marido não é capaz de reconhecer sua mulher na rua, graças ao véu, razão pela qual ela pode ter os amantes que quiser. Lady Montagu descobriu também que o harém, o serralho, é todo feito de grades móveis. E conta outro fato intrigante: as grandes traições dentro dos haréns eram cometidas com os eunucos. Costumo dizer que, se Freud fosse árabe, talvez a história da psicanálise fosse outra. No *Tratado dos eunucos* (1707), Ancillon alerta para o poder de sedução dos eunucos sobre as mulheres no harém – que praticavam com eles uma forte perversidade –, o que o leva a indagar, como um grito de alerta: “Se o eunuco é objeto de desejo, o que será do homem?”. Não sei. É uma discussão que modifica e inverte as nossas formas de pensar essas questões.

C. Borges: Isso prova que o erotismo sempre sobrevive, em todos os campos e em qualquer circunstância. Ele se garante.

Suely Gevertz: Tenho estudado os efeitos do mundo tecnológico na relação com o amor, ultrapassando a tecnologia. Quero retomar o que a Mônica falou porque acho que o segredo existe, só que ele mudou as suas características. A gente tem que estudar como se fosse tudo novo. O segredo já não é mais o segredo que conhecemos. Parece que eles ficaram perdidos, uma vez que a grande maioria das pessoas, hoje, os conta para desconhecidos. Acho que existe um mundo que acontece e, às vezes, eu me sinto totalmente fora dele. E também não sei como as pessoas convivem. Tudo é novo, e não sei como isso vai acabar na subjetividade de cada um, nas suas relações. Eu concordo que existem segredos. Cada vez mais as pessoas têm segredos, só que são segredos incontáveis para os conhecidos.

Reinaldo Lobo: A Suely já tocou, praticamente, na minha questão. Ela quase respondeu, mas ainda não tenho a resposta. Eu me pergunto como o erotismo incide sobre a subjetividade contemporânea. A Mônica fez uma indagação sobre os limites que existem hoje. O que mudou, a meu ver, não foi o erotismo, e sim as significações imaginárias a respeito do erotismo. O que é sagrado, hoje? O que é profano? Bataille, ao falar do êxtase, inclui a noção de sagrado, isto é, só há êxtase se existe a sacralidade. A economia, por exemplo, é atualmente uma coisa sagrada. Pode-se mexer em tudo, menos na economia. Tudo pode, menos tocar no equilíbrio econômico dos mercados. O mercado está sacralizado e personificado. Será que a noção de perversão não mudou? O sentido do que é perverso ou não? Do que é segredo? Existem essas torções. Hoje, só a pedofilia e o assassinato sexual são considerados perversões. A sacanagem tem um novo significado.

Plínio Montagna: Eu acho que a questão do Canevacci sobre a auto-representação na antropologia, trazendo-a para a sociologia e para a psicanálise, é não só de enorme relevância como fascinante. Não sou antropólogo, mas como brasileiro, não posso deixar de apreciar Lévi-Strauss e os trabalhos que desenvolveu, também aqui, em São Paulo. A crítica de que ele não dá voz ao objeto, não contempla a auto-representação do objeto, é útil para localizar essa questão na psicanálise. Do modo como eu a pratico, a auto-representação por parte do paciente é absolutamente fundamental, inclusive para contextualizar, dentro de seu mundo e de sua história, qualquer expressão sua. A partir do conhecimento dessas auto-representações, vamos em conjunto deslindar seu inconsciente e as auto-representações relacionadas a ele, uma vez que sozinho ele não as poderá ter, até mesmo por não contar com recursos que tornem isso possível. *Mutatis mutandi*, o bororo não pode ter uma visão externa de si mesmo, e terá que contar com o antropólogo. Essa questão, no entanto, se coloca com força na discussão da pós-modernidade. Com o inconsciente, ela é mais pungente e se faz necessária uma heterorrepresentação, mas esta é constituída em conjunção com o conhecimento das auto-representações. A psicanálise trata de descobrir os mitos individuais que o próprio indivíduo desconhece. Tomemos a idéia da eficácia simbólica, de Lévi-Strauss. O xamã, para tratar uma determinada situação, por exemplo, para auxiliar um parto difícil, como que devolve ao indivíduo, com toda sua autoridade, a cultura mítica cuja expressão simbólica se torna eficaz na medida em que é vivificada num determinado ritual xamânico. Através da fala, do canto, da recitação, ele vai enunciando cada etapa do processo de parto e sua significação no mundo dos espíritos que evoca, com a conseqüente participação destes na facilitação do processo. A história se torna viva quando é muito viva emocionalmente para o indivíduo, com tons de verdade indiscutível. Na psicanálise não se trata de levar

ao indivíduo a mitologia da cultura, mas sim de descobrir naquela pessoa, naquele momento, qual a mitologia pessoal, interior, que a alimenta e que ela possivelmente desconhece. Isso implica que se leve em conta também, é claro, a auto-representação.

M. Canevacci: A diferença mais forte que nasceu, nos últimos trinta anos, sobre o conceito de interpretação simbólica da antropologia tradicional, na qual incluo Lévi-Strauss, e o da nova antropologia – especialmente com Victor Turner, que publica em seu livro *The forest of symbols* uma pesquisa etnográfica na África – é que os símbolos têm uma dimensão muito mais descentrada, individualizada, parcial, do que na visão de Lévi-Strauss, que baseava sua dimensão simbólica na posição binária. A estrutura do pensamento de Lévi-Strauss sobre os símbolos é uma estrutura universalista, em que cada elemento simbólico é inserido no interior de um paradigma, que resolve tudo. A nova antropologia coloca o símbolo na interioridade do contexto local, do contexto da subjetividade. Por isso, quando falamos em símbolo universal, estamos reproduzindo um domínio; é poder. Eu nunca falei de dualidade. Eu falei de dialógica e da relação entre dialógica e polifonia. O problema da auto-representação sobre a dimensão simbólica não se resolve na dimensão do conhecimento. Se a questão é exposta na forma de conhecimento, isto é, na forma da nosologia, colocamos cada relação no paradigma da filosofia, do pensamento ocidental. O que se questiona é a forma de poder. Essa é a questão fundamental: poder. Se só você tem voz para interpretar o outro, você tem poder. Esse tipo de poder deve ser duramente questionado. Por isso afirmo que o desafio contemporâneo não é somente um desafio de interpretação, é também um desafio de poder. Cada objeto tem que se posicionar na sua multiplicidade, e o posicionamento mais fluido de cada objeto inclui a perspectiva de destruir a forma de poder que está na relação da pesquisa.

Outra questão é que, quando falamos em Bataille, não podemos excluir a relação fundamental entre Bataille e etnografia. Não existiria o conceito de sagrado, de erotismo em Bataille sem a antropologia. Mas qual antropologia? Aqui está outro problema que nós vamos enfrentar: Marcel Mauss tinha a grande capacidade de unificar a antropologia, e Lévi-Strauss é seu continuador. No entanto, além de Malinowski, Marcel Mauss, Lévi-Strauss, outros antropólogos foram mais significativos no estudo da subjetividade, principalmente Marcel Leiris, que desenvolveu o conceito de pluralizar o *self*.

Alan Vitor Meyer: Agora ficou tudo meio fora do lugar. Eu perguntaria ao Canevacci como ele vê Margareth Mead e, principalmente, Gregory Bateson, que me parecem muito interessantes dentro dessa linha que ele está desenvolvendo. Lembro de um amigo psiquiatra, americano, que se dedicou

à etnopsiquiatria e que lia muito os textos franceses, de antropologia, que descreviam toda a parte simbólica de uma maneira absolutamente refinada, com todos os detalhes. Além disso, ele tinha outra característica: era um exímio pianista de jazz e começou a estudar e a fazer música africana, tendo fundado um grupo sob a orientação de um excelente professor nigeriano. Ele disse que a partir do momento em que pôde participar da música e da dança, foi possível começar a entender o que seria a verdadeira etnopsiquiatria e como os textos franceses deixavam o principal de fora. E eles não podiam entender nada porque, digamos, na sua “herança cartesiana”, não se davam ao trabalho de participar da música e da dança. Eu penso que esse é um grande argumento sobre as limitações de Lévi-Strauss.

M. Canevacci: Bateson é o meu autor. Da sua pesquisa etnográfica em Bali nasceu o conceito de duplo vínculo. Bateson, além de trabalhar com esse conceito no interior da família – na relação do filho com o pai autoritário e com a mãe carrasca –, leva-o em consideração também na relação das comunicações de massa.

Na minha pesquisa sobre a antropologia da comunicação visual, eu desenvolvo o conceito de duplo vínculo, especialmente na comunicação visual contemporânea, que se refere a uma perspectiva para enfrentar a dimensão do neanimismo, do neofetichismo. É uma possibilidade pragmática e de destruição da forma de duplo vínculo que a comunicação contemporânea produz e reproduz. Bateson oferece uma pragmática teórica e, mais ainda, uma perspectiva de destruir, no duplo vínculo, a forma de poder baseada na linguagem comunicacional, e que acaba por liberar a criatividade do sujeito, configurando sua pragmática de elaboração de uma linguagem que destrói a forma de duplo vínculo, ficando, em primeiro lugar, dentro do duplo vínculo e, depois, fora.

Sobre a dança, eu concordo, pois, se queremos entrar no universo das diferentes culturas, não somente “étnicas”, mas também jovens, precisamos conseguir dançar a música techno. Daí entenderemos o universo da multivivência da juventude contemporânea.

Miriam Chnaiderman: Eu quero cumprimentar o Canevacci pela crítica que ele faz, no seu artigo, a Deleuze e Guattari. Eu quero marcar essa posição, principalmente aqui no Brasil. E é muito importante esse caminho que você aponta, de não ser um estudioso que se coloca como estruturalista, mas que percorre uma outra trajetória, que não é só a crítica de Deleuze e Guattari ao estruturalismo.

M. M. F. Werneck: Não quero polemizar, mas apenas colocar e responder a uma questão que o Canevacci trouxe. Como é que o Lévi-Strauss se coloca diante do objeto? Realmente, eu jamais poderia dizer que ele dá voz ao objeto. Ele faz algo diferente, o que é também uma questão polêmica,

complicada, e que ele chama de “dissolução do sujeito” – o sujeito se dissolve no objeto. Afirma ele: “Quando vou falar dos mitos, eu não quero pensar *sobre* os mitos, mas eu me ponho a pensar *como* eles”. Em seu livro *O mito e o significado*, Lévi-Strauss diz que o estruturalista é alguém que chega até mesmo a perder a sua identidade, que é atravessado pelos mitos. Então, a relação que ele tem com o objeto não é a de transformar o objeto em sujeito, e sim, ao contrário, de se dissolver nele.

Luis Carlos Uchôa Junqueira Filho: Eu tive uma associação a partir do conceito de eróptica. Será que podemos pensar o modelo da pan-óptica carcerária, se nós conseguirmos libertá-lo de dentro do cárcere, como uma instância repressora da eróptica? Outra idéia que me chamou a atenção é a do olho que se faz músculo. Canevacci diz que o olho libera imaginações, pois dá musculosidade às percepções e às visões. Então, a muscularização das percepções e visões nos remete a um tipo de ação que é prelúdio ao pensamento, em contraste com a ação que substitui o pensamento.

O outro ponto refere-se à expressão utilizada por Canevacci, *mind-full body* – um corpo cheio de mentes, “que distende e move sensorialidades perceptivas, cognitivas, estéticas, que jogam no além-édipo”. Eu penso que podemos colocar em simetria – não no sentido de oposição, de anulamento, mas no sentido da polivalência – ao *mind-full body* uma expressão que alguns analistas ingleses utilizam, e que eu nunca consegui traduzir adequadamente, que é *mindlessness*, cuja tradução não é amênia, como muitos pensam, porque amênia é uma desrazão, próxima da nosologia, que não parece ser a intenção daqueles autores. Para mim, a expressão *mindlessness* sugere uma “dissolução da mente”, um processo em que os conteúdos mentais escoam pelo ralo, isto é, uma mente-ralo.

Por fim, quero lembrar da sua referência ao artista alemão dadaísta Hans Bellmer, uma personalidade interessantíssima que você usa muito bem, quando fala da questão de restabelecer a negatividade, do fazer, de dois, Um. Eu a associei com a visão binocular que funde duas imagens em uma imagem. E indago: será que nós poderíamos opor à visão binocular uma visão difratária, que dissociaria o objeto, fazendo-o atravessar uma barreira de descontato, ao invés de uma barreira de contato – conceito que Freud estabeleceu e outros psicanalistas retomaram?

M. Canevacci: Eu quero sublinhar constantemente a diferença entre um tipo de pesquisador que fica somente no gabinete e aquele que incorpora o desafio da viagem transformadora.

Pierre Clastres, fundador da antropologia política e amigo de Lévi-Strauss, rompe com o estruturalismo a partir de suas experiências de campo com os guaiáquis e os guaranis. Na pesquisa que realizou com essa cultura emerge a crítica ao Um, pois o Um para o guaiáqui equivale ao

Estado. Vamos enfrentar novamente a questão do poder. Na relação amorosa, fazer, de dois, Um é uma dimensão repressiva, de poder. Mas, fazer de dois, quatro, cinco, seis, sete... é Hans Bellmer. Ele propõe: “Vamos narrar o sétimo lado do dado”. Quantos lados tem um dado? Seis. Por que seis? Vamos tentar reconstruir novas formas de jogo e também do mito. E então vamos também em direção ao conceito de *mind-full body* – um corpo cheio de mentes –, à dimensão cognitiva e expressiva da mente que se fragmenta e se espalha pelo corpo, tendo cada pedaço a sua relativa autonomia em relação ao resto. Não é uma dimensão da mente localizada no clássico dualismo cartesiano. O conceito de *mind-full body* é uma pragmática, seja teórica, seja aplicada, para ir além do dualismo. É uma concepção muito diversa da de Lévi-Strauss, que considera que toda a mitologia já foi narrada.

A reflexão sobre “o olhar é uma forma na qual a dimensão da simetria binária produz uma unidade” desafia a “natureza de olhar” porque a eróptica pode ser também uma dimensão na qual as novas formas de tecnologias, principalmente a digital, podem incorporar o conceito de inconsciente físico de Bellmer, que é o outro sétimo lado de *mind-full body*. Ao conectamos *mind-full body* e inconsciente físico, produziremos uma eróptica fractálica, em vez de uma síntese ocular. Esse é o desafio que podemos enfrentar.

Leda B. Spessoto: Eu tenho um filho jovem e ele utiliza em seus jogos dados de vinte e tantas faces. Atualmente os dados são feitos com inúmeras faces e vendidos nas lojas. Os garotos vão lá e escolhem o dado com quantas faces eles querem para sofisticar a brincadeira. Eles não definem antecipadamente que só pode ser utilizado o dado com seis faces. Cada um escolhe o seu e cria o que deseja.

Penso que o psicanalista vai a campo, sim, todos os dias, várias vezes por dia, com cada paciente, em cada sessão. Temos um trabalho muito solitário e tentamos compensar isso lendo, nos unindo em sociedades, estudando. Então a troca proporcionada por este debate é muito rica e produtiva.

Por fim, é importante podermos refletir, no nosso trabalho, enquanto psicanalistas, em que posição estamos pondo o objeto, em que posição estamos nos pondo e em que jogo estamos envolvidos.

E. R. Moraes: Cartesianamente, eu vou retornar a uma questão do Reinaldo. Todos nós falamos que hoje em dia não há mais perversão, que está tudo permitido. Eu acho que são várias as chaves do que pode ser considerado proibido ou transgressão, mas eu não sinto, de forma alguma, uma espécie de absoluta liberdade sexual ou erótica. Há quem defenda que, atualmente, só podemos considerar perversão a pedofilia, a zoofilia e a necrofilia, porque nessas situações não há consentimento do objeto.

Mas essa leitura levantou várias questões. A primeira é que, se pensamos a perversão na via do consentimen-

to, pensamos numa chave jurídica. Porém, tanto para nós da literatura como para vocês da psicanálise, que trabalhamos com a fantasia, o aspecto jurídico só é relevante do ponto de vista social; eu sou, pessoalmente, contra a pedofilia, assinarei qualquer documento, qualquer manifesto. Nessa posição, concordo inteiramente com a via do consentimento e com o que o Canevacci discorre sobre o poder. Mas temos que pensar em que lugar nós estamos para refletir sobre essas questões. No plano da fantasia, nós estamos em outro lugar, estamos no sétimo lado do dado, como diz Bellmer, no qual não é mais só o poder que está em jogo... Então podemos indagar: Sade está banalizado? Não, não está. Eu insisto que não, porque o mundo da fantasia, segundo Bataille, supõe o irrealizável, o impossível, o inconcebível. E o que Sade faz é conceber o inconcebível.

Ainda que um garoto passe numa loja para comprar um dado com mil faces, nunca será o da sétima face a que Bellmer se refere. Essa sétima face está no plano do irrealizável, daquilo que não existe no mercado. É por isso que existem literatura e psicanálise.

ide: No prefácio da Eliane, no livro *História do olho*, de Bataille, aparece claramente a questão do véu, enfatizada pela Mônica. Bataille inicia sua novela dizendo: “Estou escrevendo para apagar o meu nome”, assinando-a com pseudônimo. Seu desejo original é de anonimato e ele jamais consentiu que essa novela fosse publicada sob seu nome, o que só aconteceu em edições póstumas.

Seguindo o registro da Eliane, pensamos também que o erotismo não está mesmo banalizado. Até mesmo Bataille, considerado o filósofo maldito, escreveu sob pseudônimo. No prefácio, ela salienta que o pseudônimo representa não só a dissimulação da identidade, mas, sobretudo, o artifício das máscaras, as quais, para Bataille, significam “uma obscura encarnação do caos”: são formas “inorgânicas” que se impõem aos rostos, não para ocultá-los, e sim para acrescentar a eles um novo sentido.

L. E. Saddi: Em uma aula do meu curso de pós-graduação, Renato Mezan falou sobre o erotismo das luvas da Gilda, personagem do filme com o mesmo nome, e que o erotismo reside no que não está totalmente à mostra, como a Gilda tirando as luvas etc. Quando cheguei em casa, perguntei para meus filhos, um de dezenove e outro de dezessete anos: “Meninos, o que vocês acham das luvas da Gilda?”. E eles responderam: “Mãe, não tem nada a ver as luvas da Gilda”. Eles nem sabiam quem era Gilda, tampouco sabiam que as mulheres usavam luvas. E eu continuei: “Qual é a de vocês?”. E eles responderam: “É a Feiticeira na *Playboy*”. A Feiticeira na *Playboy* é o oposto do véu. O erotismo, dos meus filhos, segundo nossa conversa, passa pelo escancaramento da Feiticeira na *Playboy*. Ela usa um pequeno véu quando fantasiada de feiticeira,

mas eles gostam do que está à mostra. O erotismo muda ao longo do tempo.

Quero enfatizar que o erotismo carrega algo fundamental que é a dissolução entre sujeito e objeto, no gozo, no êxtase, no encontro. Para mim, essa dissolução é a coisa mais importante, e a discussão sobre o poder nesse instante se desfaz.

L. C. U. Junqueira Filho: Em relação à erotização, quero dizer que essa Feiticeira dos filhos da Luciana não é a metapsicologia do Freud.

M. Chnaiderman: A leitura da revista me surpreendeu, pois vários textos encontram ecos entre si e procuram dar conta exatamente dessa pergunta que a Luciana coloca, e que respondem a ela. Refere-se a algo do que resta do erótico, quando ele é escancarado, do jeito que é hoje, por exemplo, na Internet.

S. Gevertz: Quando falamos de erotismo escancarado, estamos partindo do pressuposto de que tudo aquilo que vivemos e era considerado segredo agora está escancarado. Existe um erotismo de que não nos damos conta, que é o erotismo dessa montanha de imagens que vêm à nossa frente. É uma situação que nunca vivenciamos. São novidades, e o nosso pensamento não pode se dirigir ao automatismo, do músculo sem olhar.

M. Chnaiderman: O meu texto foi encontrando eco porque se refere às formas de arte contemporânea, em que assistimos ao nascimento de um erotismo que vai além daquilo que está dado e à explicitação da constituição de um erótico que rompe. A arte contemporânea opera com esse olho, com esse músculo, com o estilhaçamento da noção de sujeito, com a quebra do Um, como fala o Canevacci.

Esse resgate do Bataille, para nós, psicanalistas, é riquíssimo e é uma ultrapassagem do Lacan. É importantíssimo um número da revista em que Bataille aparece tanto. Eu acho isso um tanto significativo. O pensamento do Bataille está aí para realmente nos questionarmos e questionarmos nossos parâmetros como psicanalistas.

C. Borges: Foucault, num dos volumes das obras completas de Bataille, já alertava para a importância de se ler e se descortinar Bataille. Relacionado a esse lugar, a essa atopia, de onde o erotismo emerge com uma nova força, como estava dizendo a Miriam, eu me pergunto se esse erotismo não vem do impossível. Coloco o lugar de origem do erotismo no não-saber. O pensamento contemporâneo está se inclinando à contemplação desse viés que vem do não-saber. Parece que estamos receptivos a ele, ou deveríamos estar.

Retomando a questão do sagrado, num ensaio fundamental sobre a transgressão, nos anos 1960, Foucault já di-

zia que estávamos vivendo, ao mesmo tempo, a morte do sagrado e a emancipação da sexualidade. Nós sabemos que a sexualidade em atos e representações se tornou signo. Ela é reconhecível, ainda que não em sua profundidade, mas existe algo instituído, a ponto de Roland Barthes salientar, já nos anos 1970, que o obscuro não é mais a sexualidade, e sim o sentimento. É interessante notar como as interdições se deslocam e como a transgressão tenta acompanhar esse movimento, que se reproduz na cultura, o que o Bataille mostrou tão bem.

Será que para a sobrevivência do que nós chamamos de erotismo – essa força que vem das entranhas, de algum lugar, ou de lugar nenhum – precisamos reproduzir esse esquema que estabelece uma necessária relação, que, por sinal, Bataille diz que não é dialética, pois a transgressão arrasta a lei consigo, ou, como dirá Blanchot, “ela atravessa” a lei, ela nunca encontra a lei, é uma gestualidade, é um impulso que obedece a uma outra força, tem outra lógica, ou lógica nenhuma? E de que forma isso se coloca no mundo contemporâneo? E como nós devemos nos alertar em relação a isso? Ao que parece, o erotismo tem sobrevivido, talvez por ser demasiado humano. Enquanto o erotismo sobreviver, nós também sobrevivemos.

Só finalizando, enfim, finalizar é terrível, mas deixando em suspenso. É preciso que o segredo esteja salvo para a garantia do erotismo. Mas de que forma ele se recoloca? Não mais como pecado? Entretanto, de algum modo ele tem que instigar o desejo e, para o desejo criar pernas, é preciso barrá-lo. Porém, esta é a praia de vocês, psicanalistas.

Myrna Pia Favilli: Eu gostei muito da intervenção da Eliane em torno da fantasia, da colocação de que o desejo é como a felicidade para o poeta: ela sempre está onde nós a pomos e nós nunca a pomos onde nós estamos. Para exemplificar a relação sujeito e objeto, na fantasia, lembro do filme *Shorts cuts*, de Robert Altman, no qual uma garota faz e vende sexo por telefone. Ela está dando de mamar para uma criança, enquanto o marido reclama, constituindo uma história que não tem nada a ver com o teor de excitação da sua voz, que cria um sentimento erótico no outro, do outro lado do telefone, que se esgota nesse terreno do fantástico – como uma criação do humano, uma criação pulsional, uma criação de um objeto inventado na própria fantasia e que por isso será eterno, se nós imaginarmos o ser humano. Isaac Asimov, em seu livro *Science fiction*, da década de 1950, por exemplo, conta uma história muito bonita de uma dona de casa que está experimentando um robô, construído à semelhança do homem, que capta o sentimento de insignificância de que ela é tomada, de que está sendo mal sexualizada pelo marido; o robô a beija diante das amigas, que não sabem da sua condição e o vêem como um homem fascinante. A experiência acaba aí porque a psicóloga do robô diz: “Esta experiência não pode ir adiante porque as mulheres, mesmo quando é impossível, se apaixonam”. O

marido da dona de casa processa a companhia porque a mulher dele acaba por se apaixonar pelo robô. É uma história que mostra o erótico na relação com a máquina.

Em relação ao poder, tema levantado pelo Canevacchi, pergunto: como nós vamos excluir o poder do vínculo? Sempre haverá um poder, desde que haja uma constituição mãe-bebê. A natureza do poder talvez possa e tenha que ser criticada. Como podemos prescindir do poder daquele que fala, e não do conteúdo do que ele fala, mas do lugar de onde ele fala? Muitas vezes temos falas completamente incompreensíveis que passam por intelectualizadas. Por outro lado, podemos ter falas extremamente simples que podem ser de grandes intelectuais e que traduzem a história possível dos seus conhecimentos dentro de uma conceituação captável. E quando o lugar daquele que fala está preservado? Por exemplo, um economista em seu jargão assume a posição de poder porque seu espaço está preservado. O analista também pode ser um deles. Qual é esse lugar do qual se fala, e qual é a fantasia vincular que está aí colocada? Eu, baseada na minha história de formação teórica, penso que a psicanálise considera, há muito tempo, que em uma relação o objeto é constituído pelo sujeito, e vice-versa. Não há o sujeito e o objeto. Eu imagino que Lévi-Strauss, ao falar dos bororos, fala de si dentro da mente dos bororos. Há um jogo de identificações projetivas em que o mundo do objeto nunca é o objeto. O mundo do objeto é o objeto acrescido da minha fantasia sobre ele. Na medida em que vivo uma relação, estou sendo interpretada por aquele objeto, por exemplo, como uma mãe perigosa, carrasca, um peito destruidor, ou bom, ou idealizado. Quer dizer, há um interjogo de fantasias que fazem o vínculo, o sujeito e o objeto, uma versão de mundo. Não é uma história real, é uma história a partir da qual se cria a fantasia. Se eu sou objeto para vários sujeitos, é nessa medida que posso também receber de vários sujeitos uma interpretação diferente. Quando se fala de poder, eu sempre me pergunto de que lugar se fala e qual é a voz que fala sobre isso. Estou perguntando para vocês que são de outras áreas porque senão nós teremos, outra vez, o poder sobre o poder.

Teórica e intelectualmente, a existência das várias diferenças acarreta outro problema. Um estudioso mulçumano, não me recordo do seu nome, diz que hoje em dia é muito bonito falar em acolher as diferenças, então poderíamos dizer que cada diferença se sente com o direito de destruir a outra. Porque, como no caso da religião, se uma delas se coloca como a única, teria o direito à guerra santa. Ele falava sobre o problema da guerra santa. Precisamos observar de que lugar nós vamos refletir, e que voz nós vamos dar a um objeto que nos questiona sobre aquilo que nós colocamos dentro dele. A situação é multifacetada, passa pelo humano e dá vertigem. Aí estamos contornando o abismo. Tem-se que viver no perigo dessas imagens de um poder que destrói outro poder, de um

objeto que questiona o sujeito, o que nos leva à construção de teorias como formas de tentar encontrar momentos de descanso.

Dominique Fingermann: Eu quero parabenizar essa revista pela apresentação de artigos girando em torno do erotismo. A referência a Bataille é excepcional, mas o que me cativou de entrada, em relação ao erotismo, foi a capa da revista. Eu não quero que o meu comentário apague o extraordinário conteúdo dos artigos e a produção deste debate, tão essencial para a psicanálise. Gostei particularmente da capa porque ela apresenta um dos primeiros desenhos eróticos – o “esquema sexual” – que Freud ofereceu para orientar o psicanalista na prática clínica da psicanálise. Essa é a generosidade de Freud, e da equipe da revista, ao colocar esse esquema quase velado, quase revelado, porque temos que ir buscar, olhar de perto o que Freud está dizendo. E, no meu entendimento, o que Freud está dizendo é a base do erotismo. Primeiro porque o chama de “esquema sexual”. Também porque apresenta o fundamento da pulsão e de seu funcionamento, que é igualmente o fundamento do laço com o outro. Tem algo no corpo que procura se satisfazer irresistivelmente, mas que nunca se satisfaz por completo: o objeto, o outro está sempre fora. Essa tensão produz uma representação psíquica sempre parcial: é a via da fantasia que está aberta. É um circuito incessante que constitui o circuito do erotismo, que vai tangencialmente procurar o objeto, procurar a extinção da separação entre sujeito e objeto, sem nunca chegar lá, mas sempre se reproduzindo – a repetição da pulsão –, que produz a riqueza do ser humano, da criação e do que os artistas fazem. Os trabalhos da Nazareth Pacheco são extremamente eróticos porque eles não mostram, eles evocam, eles falam desse irrepresentável. Os textos da revista explicitam diversamente esse circuito forçado em torno do objeto impossível, que oferece um campo inextinguível para a fantasia se reproduzir e reproduzir a civilização. O erotismo não vai contra a civilização, ele vai em prol da civilização.

ide: Nós rompemos com uma certa idéia de erotismo na psicanálise. É o inesperado, mencionado pela Dominique. O nosso olhar artístico também foi de ruptura porque fala da relação entre o erotismo e a morte, tema que preponderou na maioria dos artigos.

C. Borges: O esquema sexual do Freud, colocado agora sob a janela da capa, tornou-se um objeto estético, erotizado ainda mais, como arte gráfica.

ide: A *ide* tem uma tradição de trinta anos e então idealizamos uma capa que, por um lado, desse continuidade a essa tradição, mantendo o manuscrito do esquema sexual do Freud, já presente em números passados, e, por outro, in-

cluiu-se uma renovação – a janela. Um renascimento no trabalho de pensamento a partir da tradição. A capa e a revista, de ponta a ponta, têm o sentido de um processo de descoberta e de criação do grupo editorial.

A arte gráfica da capa atual foi inspirada no catálogo da exposição *Picasso érotique*, realizada em Paris, em 2001, cuja capa, vermelha, contém uma janela, mas sob ela vemos um desenho do Picasso relacionado a uma parte erótica do corpo feminino.

Luís Carlos Menezes: Uma palavrinha antes de encerrarmos. Foi interessante esse esclarecimento que foi se fazendo aos poucos, e o fato de ter sido criada inesperadamente essa conversa entre antropólogos e psicanalistas. O que a Myrna retomou, seguida pela Dominique, foi importante porque o Canevacchi falou da história da sétima face do dado, desse impossível, da fragmentação do corpo, desta *mind* como idéias esparramadas por todo o corpo, não todas na cabeça. Parecia que ele estava festejando, hoje, o centenário dos *Três ensaios*. Freud dizia que o erotismo está por toda parte, não há maneira de juntá-lo. As *mind* estão por todo o corpo, este corpo que está no esquema do sexual do manuscrito de Freud, presente sob a janela da capa da revista, como lembrou a Dominique.

A pulsão é sempre parcial e é ela que irriga o saber. A janela da capa abre para esse trabalho do saber, indissociável do olhar, do olhar polivalente – carregado de pulsão, como formulado nos *Três ensaios* –, e não pelo olhar aristocrático. O que é inesgotável não é o humano, é a pulsão. A fragmentação do corpo, da qual o Canevacchi nos falava, como uma coisa de ponta na antropologia atual, tem já um lugar na psicanálise. Este só se fecha numa forma unitária, unificada, pela totalização narcísica. Só que é na medida em que se unifica, se totaliza, que o erotismo se perde, a pulsão se dessexualiza, na expressão de Freud.

Falou-se sobre o desaparecimento do erotismo em face de ele estar muito exposto, numa exposição extremamente normativizada do sexual. A transformação, hoje, em certos meios, do sexual freudiano na neo-sexualidade das academias de ginástica, a do ideal do corpo “malhado”, passa pela totalização narcísica do corpo. Pode-se dizer que passa pelo totalitarismo do eu ao engendrar uma sexualidade normalizada, subordinada à regulação pelo eu narcísico, forma totalitária que esmaga a singularidade inventiva do erótico em sua capacidade de inesgotavelmente se relançar, como disseram Myrna e Dominique. Nova forma de totalitarismo que acaba justamente com a possibilidade da coisa viva, do sexual. O problema não é não ter mais tesão. É o medo da afasia, do apagamento do sexual, como excesso normalizado. No debate, houve uma reafirmação dessa idéia: é evidente que não dá para apagar definitivamente o erotismo porque existe a sétima face do dado, porque haverá sempre, a insistir, a fragmentação pulsional do corpo.